

Editorial

Como será o futuro? Das respostas imaginárias possíveis, existe uma que possivelmente não se afasta muito do que vai acontecer na pauta da realidade. O futuro vai ser diferente. Não existe nenhum darwinismo educativo que seja capaz de legislar o que vai ser a educação do futuro. Mesmo fazendo a consulta aos Deuses através da “bola de cristal” ninguém consegue decifrar com precisão em que consiste o mistério dessa diferença.

Porém, apesar de, em relação ao futuro, muita coisa nada se saber, alguma coisa pode ser dita. E o que podemos dizer é que as qualidades do homem a desenvolver pela educação não são intemporais como os teoremas na matemática. Se temos como garantido que a mudança é inevitável, não sabemos, no entanto, os graus e dimensões da mudança. Talvez por isso Edgar Morin tenha colocado entre os sete saberes necessários para a educação do futuro a questão da incerteza. Seja qual for a equação que cada um queira utilizar para vislumbrar o futuro, quer-nos parecer que a incerteza serve de denominador comum a qualquer das conjeturas. Se ninguém domina o futuro e se não existe nenhum determinismo que nos desenhe a trajetória do progresso humano, temos que jogar com a inevitabilidade da mudança e da incerteza que essa mudança comporta.

Perante esta perplexidade, uma coisa nos parece certa - vamos ser surpreendidos pelo inesperado. E esta é uma questão importante que não pode ser escamoteada. Seja qual for o posicionamento de cada um, a educação para o futuro tem que nos preparar para enfrentar a incerteza da mudança e a mudança da incerteza. Se o futuro não está fechado, se existe algum espaço de liberdade, não temos dúvidas que devemos escolher a humanidade, devemos escolher a possibilidade de, através da ação educativa, nos tornarmos mais humanos. Somos co-criadores de

nós próprios, o que implica aceitar o desafio deste debate como espaço de reinvenção da humanidade.

É neste exercício de vontade de futuro que colocamos na RLE 52 este debate e reflexão quanto à interpretação das mudanças educativas a fazer. Buscar alternativas que nos ajudem a encontrar uma bússola para melhor nos orientarmos nos mares da incerteza do futuro. Por isso, o dossier agora publicado tem desta vez por título *Os futuros da educação: aprendendo a solidarizar-se*. O dossier foi sabiamente coordenado pelo Professor Célio da Cunha, da Universidade Católica de Brasília, que apresenta uma Nota Introdutória própria cuja leitura se recomenda.

Mas o número possui outros focos de interesse. Carlos Bauer e Marcelo Luiz da Costa abrem a revista com o artigo *Vestígios históricos da educação anarquista no Brasil*. Os autores procuram detectar os matizes da ação e do pensamento libertário, observando os princípios anarquistas, dentre os quais o internacionalismo. Para dar seguimento a esta preocupação, são levantados os caminhos históricos percorridos pelo movimento operário brasileiro. Por outro lado, fazem também o contexto histórico da época do surgimento da Escola Moderna nº 1, criada pelos anarquistas como modelo e que teve à frente João Penteadó, professor anarquista oriundo do interior paulista. A pedagogia libertária, que deitou suas raízes no socialismo e no anarquismo europeus, teve impactos políticos, culturais e o seu desenvolvimento histórico contou com a militância de brasileiros e a presença de imigrantes radicados no país.

O segundo artigo é da autoria de Ernesto Candeias Martins e intitula-se *A Pedagogia do Encontro como uma pedagogia de baixa densidade: contextos (socio)educativos e relacionais*. O texto do artigo valoriza a pedagogia do encontro na formação humana e convivência. A realidade quotidiana exige uma (nova) perspetiva de encontro(s), não só de tempos, mas entre pessoas/grupos, culturas e gerações, em que o 'entre' apresenta interação comunicacional/dialógica, na diversidade de temporalidades coexistentes na sociedade. Utilizando uma argumentação de índole hermenêutica analítica, o autor aprofunda o sentido do encontro. O marco teórico-conceptual oscila entre um conjunto de referências filosóficas, sociológicas, pedagógicas e éticas que permitiram estruturar o texto em dois pontos: 1º 'evidência' do cenário atual da sociedade, geradora de metamorfoses e emergências; 2º 'desafio' na base da pedagogia do 'encontro', explicitando a sua conceptualização no âmbito das pedagogias de baixa densidade. Pretende o autor que a(s) pessoa(s) sejam geradoras do 'Nós', já que somos 'Nós' cada vez mais na realidade.

Na secção Ensaio, Vincent Defourny disserta sobre *Un nouveau contrat social pour l'éducation*, onde o autor sustenta que os modelos educativos - em que se baseia a grande maioria dos sistemas escolares em todos os países do mundo - merecem ser questionados e debatidos. Assim, são desafios importantes para a educação: a emergência climática, as convulsões ligadas à pandemia de Covid-19, os avanços

tecnológicos, particularmente na inteligência artificial, e a melhor compreensão das funções cerebrais e cognitivas graças à neurociência.

No cumprimento de uma das rubricas da política editorial da *Revista Lusófona da Educação*, divulgam-se, neste número, alguns resumos de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutoramento em Educação defendidas no Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Lisboa, Setembro de 2021

António Teodoro

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7819-0498>

José V. Brás

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0374-748X>

Maria Neves Gonçalves

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2531-4618>